

Ele vai provar que  
não são só negócios.

*Uma*  
**VIRGEM**  
*comprada pelo*  
**CEO**

MYA ADAM

Ele vai provar que  
não só negócios.

Uma  
**VIRGEM**  
comprada pelo  
**CEO**

M Y A A D A M

# ÍNDICE

[SINOPSE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[EPÍLOGO](#)

[LEIA TAMBÉM: UMA VIRGEM RESGATADA PELO CEO](#)



## SINOPSE

Da mesma autora de “Uma virgem resgatada pelo CEO”, vem aí: Uma virgem comprada pelo CEO.

Thomas de Albuquerque foi traído pelo seu sócio e melhor amigo. A empresa da família é o que tem de mais precioso na vida e agora o CEO se vê prestes a falir e jura vingança. Ele sabe que não vai conseguir o dinheiro de volta e nunca mais vai recuperar o que perdeu. Vai ter que trabalhar duro para reerguer o seu império, mas não está disposto a deixar com que o traidor saia impune. E a melhor forma de fazê-lo pagar pelo que fez é também tomando o que ele tem de mais precioso.

Cecília Magalhães tinha muitos planos para a sua vida, e nenhum deles jamais envolveu ser forçada a se casar com um homem que mal conhece como pagamento por um erro do seu pai. Ela não entende como acabou nessa situação, mas sabe que não tem escolha: ou aceita ou seu pai vai morrer na cadeia.

Assim que coloca os olhos na garota, Thomas percebe que cometeu um erro. Ele esperava uma garotinha assustada que serviria apenas de enfeite na sua casa, e não alguém que o desafiaria a todo momento. Na tentativa de mantê-la sob controle, ele exige que o casamento aconteça logo, mas promete

esperar os seis meses que faltam para ela se formar antes de fazê-la ir embora com ele.

O que ele não esperava é que esses seis meses seriam o suficiente para que ela virasse sua cabeça do avesso.

Dois mundos diferentes colidem em uma explosão.

E agora os dois precisam decidir: um acordo comercial ou um casamento por amor?



# CAPÍTULO 1

## Thomas de Albuquerque

Eu tenho vontade de destruir cada parte do corpo daquele maldito.

Coloco os cotovelos na mesa do escritório, apoio o rosto nas palmas das mãos e puxo o cabelo com força. Eu falhei. Pela primeira vez em muitos anos, eu falhei.

Sempre administrei meus negócios muito bem, melhor do que as expectativas do meu pai. Melhor do que ele mesmo fez. Fiz o que devia fazer, sem me preocupar em ter que destruir algumas pessoas no caminho. No mundo do sucesso, empatia e compaixão não existem. Contratei gente de confiança e me certifiquei de que os transformaria em menos que nada se algum deles falhasse ou traísse a minha confiança. O que eu não fiz foi imaginar que ia ser traído pelo homem que está comigo desde que nós éramos pirralhos. Foi exatamente aí que falhei.

César Magalhães, meu quase irmão, amigo de longa data, estava me roubando há anos. Anos. Como gestor financeiro da minha empresa, ele tinha métodos de desviar o dinheiro sem que ninguém percebesse. E meu erro foi confiar nele cegamente. Mas isso não vai acontecer nunca mais. Com

ninguém, sob hipótese nenhuma.

Escuto o telefone do escritório tocando alto e arrumo a postura antes de atender.

— Fala, Diana.

— *Senhor Thomas, ele está aqui. Peço para ele entrar?*

— Sim, e não deixe ninguém chegar perto desse andar até eu abrir a porta, Diana. Entendido? — Não espero que ela responda e desligo na sua cara. Sinto meus músculos travados de tensão e meu corpo treme com ira crua e devastadora que toma conta de mim.

Nunca tive muito controle da minha raiva. Hoje mais do que nunca não consigo evitar ter pensamentos homicidas em relação ao sujeito lá fora.

Escuto uma batida de leve na porta e olho para lá. Apoio um cotovelo no braço da cadeira, coloco um dedo na bochecha e espero.

Assim que César entra na sala, tudo o que sinto é ódio do homem que sempre foi muito mais do que meu parceiro de negócios. É como se ali fosse o meu maior concorrente no meio dos negócios, meu maior inimigo. Uma das pessoas que entrou facilmente na lista de gente que não faço oposição nenhuma a deixar no fundo do poço, a deixar sem nada.

O homem alto, já grisalho apesar de não passar dos quarenta anos, de olhos castanhos e cabelos ruivos, se aproxima com a postura descontraída de sempre e se joga na cadeira em frente à minha mesa.

Somos o completo oposto em muitos aspectos da nossa vida. Em relação à personalidade: eu sou explosivo e ele é descontraído. No jeito de levar a vida: eu sou libertino e ele é “família”. Mas uma coisa temos em comum: a ambição.

— Caralho, Thomas, você vai morrer congelado nessa sala. Precisa colocar o ar-condicionado para congelar desse jeito?

Não respondo, porque estou ocupado demais tentando controlar a explosão que ameaça vir, pela primeira vez. Mas ele me conhece bem demais. No segundo em que olha para meu rosto, inclina a cabeça para o lado e pergunta:

— O que aconteceu? Algum problema?

Eu me levanto e ando devagar até sua cadeira. César franze a testa e ergue a cabeça para me olhar. Fico de costas para ele, ando até a porta e a tranco para ninguém me interromper.

— Está planejando abaixar minha calça e comer meu rabo, porra? — pergunta e solta uma risada. Não consigo falar nada. Sinto minha boca amarga, meu estômago revirado, o nervo da minha testa tremulando. Cravo as unhas na palma da mão com força. Tento e falho controlar a raiva e a decepção. — Você está me preocupando, Thomas.

— Você me ensinou muita coisa, César — digo. Raspo a garganta e vou em direção às janelas de vidro que mostram a grande metrópole de São Paulo abaixo de mim. — Me ensinou que não devemos confiar em ninguém.

— O que você está falando?

Volto a olhar para ele e me aproximo devagar, com a mão esquerda dentro do bolso da calça social.

Sem conseguir mais um segundo de controle ao olhar para sua expressão dissimulada, eu o tiro da cadeira de forma abrupta e o seguro pelo seu colarinho.

— Que por...

— Você vai calar a sua maldita boca nesse instante, seu filho da puta desgraçado! Vai escutar tudo o que eu digo e fazer absolutamente *tudo* o que eu quero. Entendido? — esbravejo e sacudo seu corpo.

Seus olhos se arregalam e ele toca minhas mãos. Tenta se desfazer do aperto forte, mas eu não o solto.

— Achou mesmo que eu não ia descobrir seu roubo, hein? Você já foi mais inteligente, César. Achou mesmo que podia me fazer de idiota dentro da minha própria empresa por anos, seu filho da puta? Por anos!

Eu o sacudo mais uma vez antes de levar uma mão à sua garganta para sufocá-lo.

— Eu... Me deixa ex...

— Te deixar explicar o que, César? Que você é um traidor de merda? Que você ria pelas minhas costas enquanto afundava cinco hotéis de uma vez? Você tem noção do prejuízo que me causou? Vou ser obrigado a

recorrer a investidores que nunca precisei contar por sua culpa, seu merda! Se eu não fosse tão bom no que faço, teria ido à falência!

— Vou explicar, Thomas. Não traí... você. Eu não... — diz com as frases entrecortadas por causa da falta de ar causada pelo meu apertão.

Eu o jogo no chão e arrumo as mangas da minha camisa social. Sinto a respiração acelerada, as narinas inflamadas e o coração saltando. Sinais da minha ira. Às vezes sinto que vou me dividir em mil pedaços.

— Vou te deixar explicar, César. Vamos, te dou um minuto em nome da nossa *bela* amizade — falo com ironia e abro um sorriso predador enquanto o olho.

Eu quero matar esse verme. Desde que ele pisou no escritório, não o vejo mais como o cara que compartilhou bons momentos comigo. Quero destruir tudo o que existe de melhor na sua vida. Quero fazer com que o resto dos anos sejam de pura dor, sofrimento e amargura. Quero que César nunca mais descubra o que é confiar e nem ter a confiança de ninguém. Quero que sofra.

— Eu estava precisando de dinheiro. Você sabe que a Paula tem gostos caros e acaba extrapolando nos gastos. Não queria pedir dinheiro para minha família. Começou com um empréstimo pequeno, você nem ia notar... — fala, se senta no chão e coloca a mão no pescoço marcado pelo meu aperto. — Mas... as coisas se descontrolaram. Eu não fiz de propósito. Você é meu mano, cara. Qual é... Acha que eu ia te foder de propósito?

— Seu mano... — debocho. Sorrio abertamente e sacudo a cabeça. Me aproximo mais dele e o chuto. Ele arregala os olhos de surpresa ao mesmo tempo em que leva à mão até a barriga.

Monto nele e o acerto com vários socos no rosto. César não reage, e não acho que ia conseguir se quisesse.

Estou cego pela fúria, mas paro minutos depois quando me lembro de que, se ele morrer agora, vai fácil demais. Não vai ter o sofrimento que merece.

Sinto meus dedos fodidos e doloridos. Aperto a mão e vejo a vermelhidão do sangue do seu nariz ali.

Não me importo se ele está com o rosto fodido, não me importo se está

pedindo ajuda através de gemidos. Não me importo com mais nada, só com o fato de que esse homem quase destruiu uma empresa de anos, um império. O *meu* império. A rede de hotéis de luxo não era nada quando meu avô a criou quando ainda era novo. Não era muito mais quando meu pai a assumiu muitos anos depois, mas se transformou na maior rede de hotéis do Brasil e alcançou diversos países do mundo quando *eu* assumi. Tenho orgulho de tudo o que construí e absolutamente ninguém vai me tirar isso.

Tiro um lençinho de dentro do paletó do terno e limpo meus dedos.

— Nós vamos ter uma conversa séria agora. Consegue me ouvir?

— Seu filho da...

— Não, César. O filho da puta aqui é só você.

Me ajoelho em frente ao seu corpo ainda estirado no chão e o encaro. Patético.

— Passei todos esses dias tentando pensar em uma maneira de te presentear pelo que você me fez — falo, ouvindo seus gemidos de dor. — Shh, quietinho porque ainda não acabei de falar.

— Eu vou...

— Pensei em pegar a sua mulher. Uma troca, sabe? — interrompo e ele tenta me atingir com um chute. — Aquilo que mais importa para mim por aquilo que mais importa para você. Ou melhor, por *quem* mais importa para você.

— Não vai... — diz com uma careta de dor. Seus olhos já começam a ficar inchados pelos socos que dei e eu sorrio.

— Mas aí eu pensei... Você ama a sua mulher, tanto que quase faliu a minha empresa por ela. — Aperto o maxilar de raiva. Quero partir para cima dele de novo. Bater nele até ele se acabar, mas preciso terminar o que planejei. Vou até o fim com isso. — Mas quem você ama mais no mundo não é a sua mulher, nem a sua mãe. Quem você mais ama no mundo é Cecília, sua queridinha filha. Aliás, como ela está?

— Você não vai tocar na minha filha, seu desgraçado!

— Será que não vou, César? — falo. Sorrio para ele e dou um soco no seu braço como costumávamos fazer. — Sua princesinha doce, meiga, seu

anjinho. Como você a chama mesmo? Seu cristal...

Me levanto e o deixo tentar lutar para se levantar, mas a dor o impede. Gosto de vê-lo ali, rastejando como um verme. Vou até o armário de bebidas e tiro uma garrafa de conhaque. Encho um copo e viro a bebida quente de uma vez. Repito o gesto e volto a me sentar na cadeira, esticando o pescoço para vê-lo.

— Por que ainda está aí no chão, cara? Senta aqui para eu te ver melhor... — falo. Ele xinga, resmunga, tenta se mover, mas a dor o vence. Volto a me levantar, vou até ele e o levanto de uma vez.

Praticamente o arrasto em direção ao sofá de couro preto no canto do escritório e o jogo ali. Me sento ao seu lado no outro assento e apoio a lateral do pé sobre um joelho.

— Como ela está, hein, César? — pergunto, mas não o deixo responder, porque tudo o que eu quero é deixá-lo irado. Não existe nada que ele não faça por sua preciosa filha, para a proteger. — Quando ela volta dos Estados Unidos? Lembro de como ela era um anjinho. Vai ser bom ter uma pessoa doce e recatada assim do meu lado.

— Do seu lado? — diz e passa a manga do paletó no nariz que está escorrendo sangue. — Que porra você está falando, Thomas? Não mexe com a minha família!

— Ah, César... Você mexeu com a minha vida, por que eu não vou mexer com a sua?

— Ela... É diferente, cara. Aqui é só dinheiro. Eu te devolvo tudo! Consegui multiplicar com investimentos e você sabe como minha família é rica. Eles podem me...

— Ah, você devolve? Simples assim? — pergunto e sacudo a cabeça. — Escuta bem, as coisas não vão ser fáceis para você daqui para frente. Não basta me devolver tudo o que me roubou, você vai ter que sentir o que eu senti quando quase perdi tudo.

— Você está louco.

— Você não viu nada, César. Não viu nada. — Estico o braço e pego o contrato meticulosamente planejado com meu advogado. — Vamos deixar de falar de família. Vamos para o que mais gosto: negócios. Aqui está o que

você vai precisar fazer. Vou ser bondoso e ler enquanto você está impossibilitado.

Ele se remexe no sofá e me encara com raiva, mas não ligo e leio o que está escrito no papel.

— Cecília Magalhães será obrigada a se casar com Thomas de Albuquerque e realizar *todos* os seus desejos — falo e paro só para apreciar a expressão de surpresa e revolta em seu rosto. — Não é o máximo, César? De tudo o que a gente foi na vida, amigos, irmãos, parceiros de negócios, eu vou ser seu genro. A vida é irônica demais, não acha?

— Casar? Você está louco? A minha Cecília é uma menina! Ela só tem dezenove anos, Thomas. Não faz uma besteira.

— Besteira, eu? Não se preocupe. Jamais ia fazer alguma coisa para te machucar, amigo!

Ele me olha cético e eu explodo em uma risada pela sua expressão. Se tem algo que me dá mais prazer além de pisotear quem se mete no meu caminho é brincar com a presa como se fosse um filhotinho. Amo ver a ira, a esperança e o desespero se misturarem enquanto faço o que eu quero.

— Você acreditou, não foi? Ai, César, parece que não me conhece.

— O que você quer? Faço tudo, mas não mexe com a minha filha.

— É exatamente por isso que eu a quero — falo e jogo o contrato de lado. — E eu vou ter, porque eu tenho tudo o que quero, César. Você devia ter pensado nisso antes. Agora vai embora daqui. Vou te procurar daqui uns dias. Não tente fugir com sua filha, porque acho todo mundo nem que seja no inferno. E aí vai ser pior.

— Você vai se arrepender.

Me levanto e não respondo. Volto para a minha cadeira e começo a trabalhar para recuperar o prejuízo. Vou ter que me desdobrar para não perder os hotéis que demoraram anos para serem reconhecidos e renomados, mas não desisto do que quero.

César se levanta com dificuldade e anda até a porta devagar, tocando a costela.

— Até mais, sogro! — provoco com um sorriso, que se fecha assim

que ele destranca a porta e sai dali.

O primeiro passo já dei, agora falta o resto.



## CAPÍTULO 2

### Thomas de Albuquerque

Uma semana se passou desde que confrontei César e o informei sobre meus planos. Ele não apareceu na empresa novamente, mas está na minha mira. Não vou permitir que fuja ou se esconda antes que meus planos de vingança sejam concretizados. Aposto que acha que estava blefando quando disse que ia tomar seu bem mais precioso, provavelmente contando com a amizade, mas eu não estava. Apenas tinha coisas mais importantes para fazer, como me reunir com diversos especialistas para ver a melhor forma de sair desse golpe sem perder muito.

Eu odeio perder qualquer coisa. Odeio que as coisas não estejam ao meu alcance, que eu não tenha o controle de cada respiração dentro da empresa. As coisas vão voltar ao que eram antes, custe o que custar. Custe *quem* custar.

Alarmo o carro depois de estacionar na frente o prédio que já visitei mais vezes do que consigo contar. Ando até a portaria e sou facilmente recebido pelo porteiro que me conhece muito bem e nunca me anuncia. Subo o elevador olhando minha imagem no espelho. Ajusto as mangas da camisa social e passo a mão nos cabelos, aguardando a subida lenta em direção à

cobertura. Assim que as portas metálicas se abrem, ando até o apartamento dele. Toco a campainha apenas uma vez antes de a funcionária aparecer para me receber.

— Seu Thomas, que surpresa! — diz com simpatia e eu sorrio em um cumprimento. — Entra, vou chamar o seu César.

A senhora de meia-idade some pelos corredores e eu olho pelo cômodo. Busco algo de diferente, qualquer coisa que eu possa usar contra o homem, mas minha inspeção é interrompida por Paula, a esposa do meu ex-sócio.

— Thomas, querido... — Percebo, pelos anos de convívio e pelo seu olhar, que ela não sabe o que está acontecendo. Pelo menos ela não sabe que eu estou ciente da facada que seu marido me deu. Agora, se sabe sobre o golpe, vou descobrir agora.

— Paula — digo em um cumprimento frio, o oposto do que ela está acostumada a receber de mim. — Onde está sua família?

— César está no escritório, só está saindo de lá para comer nos últimos dias — fala e faz um gesto de indiferença com a mão, como se estivesse acostumada a isso. — Venha, querido, se sente aqui e me conte por que está tenso.

— Não quero me sentar, Paula. Vou esperar pelo seu marido aqui mesmo. — Enfio as mãos nos bolsos da calça social e olho meu reflexo na parede espelhada à minha esquerda.

Pareço mais cansado do que o normal. Noto as olheiras escuras por causa das noites acordado tentando pensar em uma solução para todos os meus problemas. Apesar disso, que não pode ser disfarçado, o resto da minha aparência está meticulosamente no lugar: terno alinhado, roupa bem passada, o cabelo preto bem cortado e penteado para trás, a barba escura e bem aparada. Só quem me conhece bem demais e está atento aos detalhes que ia conseguir notar os sinais de cansaço e de estresse. Felizmente, existem poucas pessoas dessas na minha vida.

— Thomas... — Escuto a voz do homem e volto meu olhar para onde ele está.

Seu rosto está completamente fodido da surra que levou de mim e é

inevitável abrir um sorriso fraco.

— Você parece bem — zombo e vejo seu maxilar travado, sinal de que está com muita raiva. Ótimo. Para mim, quanto mais choro, ira e sofrimento, melhor.

— O que você quer? — pergunta e olha para sua esposa sentada no sofá, como se só agora tivesse notado a sua presença. — Minha preciosa, você pode nos dar licença por alguns minutos? Temos negócios a tratar.

— Ah, Paula, não precisa sair — falo, tendo a minha resposta. Ele escondeu a verdade da sua mulher. — Eu sei que vocês não têm segredos entre si. Não vou ser eu a mudar isso.

— Thomas, deixa a minha mulher fora disso... — César aponta para mim, mas não consigo mesmo o levar a sério com esses olhos e nariz inchados e roxos, boca cortada e o resto do rosto com uma coloração meio verde.

— Mas por quê, meu amigo?

A mulher alta e esguia, com os cabelos castanho-escuros cortados nos ombros e olhos da mesma cor, me encara com desconfiança. Olha de mim para o marido e eu aproveito para deixar o caos reinar por alguns minutos.

Vejo vários porta-retratos espalhados pelos poucos móveis da sala de visitas imensa e me aproximo deles. Cecília está na maioria das fotos, desde a bebê com a cabeça cheia de fios ruivos como o do pai até adolescente, de óculos de grau e aparelho. Não a vejo desde que ela se mudou para estudar fora, mas me lembro da menina calada, comportada e educada que vivia grudada no pai. O seu maior orgulho, seu cristal...

— Fica longe da minha filha, seu doente do caralho! — César exclama e eu me viro a tempo de ver o olhar de choque no rosto de Paula.

— O que é isso, César? Ficou doido? — ela pergunta e o homem passa a mão pelo cabelo.

— Querida, prometo que te explico depois. Mas eu preciso mesmo conversar com Thomas a sós.

— Senta aqui, Paula — digo, ignorando o homem, que me fuzila com o olhar enquanto me aproximo da sua mulher. — Nossa, você está com um cheiro fantástico hoje.

— Eu... — Ela arregala os olhos e se senta no sofá, enquanto eu me ajeito ao seu lado. Seu rosto branco cora até a raiz dos cabelos e seguro a risada. — Obrigada.

Nunca fui nada além de cortês com ela, afinal, eu valorizava demais a amizade com César para sequer pensar em algo assim. Paula acabou se tornando minha irmã também no caminho, mas agora que a amizade acabou, faço questão de usar tudo para irritar o homem.

— O que acontece é que vou me casar com a sua filha — falo e o rosto que já estava surpreso se torna cômico.

— Como é? Com... Cecília? — indaga, se levantando do sofá de uma vez. — Desde quando? Você sabe que minha filha só tem dezenove anos, não é? Ela é uma menina!

— Eu sei, Paula. Pretendo a respeitar, claro — falo e sua expressão parece se suavizar, mas não contendo a gargalhada. — Ah, vocês dois... São tão fáceis de serem enganados.

— O que... O que está acontecendo, César? — ela pergunta para o marido, que solta um suspiro longo e uma sequência de xingamentos antes de se virar para ela.

Ele abre e fecha a boca mais vezes do que consigo contar e isso começa a me irritar. O homem tem coragem de afundar a minha empresa a sangue frio, mas não tem coragem de contar a verdade à sua mulher. O quão patético isso é?

— Pode deixar que eu te ajudo — digo e aperto o ombro dele com força. — É o seguinte, Paula: o seu marido me roubou. Estava há anos roubando minha empresa para sustentar as suas futilidades, segundo ele.

Espero a mulher processar a informação, de olhos arregalados, boca aberta, corpo paralisado. Seu olho vai incrédulo de mim para seu marido.

— Você não fez isso, César... — ela sussurra e seus olhos se enchem de lágrimas. Queria dizer que fico com pena, mas não fico. César me fez perder a esperança na humanidade e me ensinou que qualquer coisa pode ser mentira, um teatro para me enganar.

— Ah, querida, não chora... Eu vou cuidar direitinho da sua filha.

— Mas... O que você se casar com Cecília vai resolver?

— Minha preciosa, tudo vai ficar bem. — César se aproxima e arruma os cabelos da esposa, os colocando atrás das orelhas antes de se virar para mim com raiva. — Vou convencer Thomas de que isso é uma insanidade.

— Não perca seu tempo, César — falo e ele se vira para mim.

— Quem é você? Que tipo de pessoa se tornou? Você é mesmo capaz de uma coisa tão baixa? Se envolver com Cecília apenas para me ferir? Você a viu nascer! Você estava ao meu lado quando comemorei que ela deu os primeiros passos!

— Verdade, César. Eu... — Toco os cabelos e solto um suspiro. Em seguida, abro um sorriso de orelha a orelha. — Não me importo. Me poupe do seu discurso melodramático. Eu vou me casar com ela e ponto final. Quero o endereço de onde sua cristalzinho está até amanhã de manhã. Acredite em mim, meu *amigo*, as coisas podem ficar muito piores se você não colaborar.

Olho mais uma vez para o porta-retratos de Cecília e sorrio quando César tenta vir para cima de mim, mas é impedido por sua mulher.

— Até amanhã de manhã, César. Estou esperando.

Faço um sinal com os dedos da lateral da cabeça e ando em direção à porta.

— Os jantares de família vão ser interessantes, não acham? Até mais, *sogros*.

Escuto milhares de xingamentos gritados por César antes de eu fechar a porta. Enquanto desço pelo elevador, penso que vai ser um pé no saco ter que me casar para os meus planos se concretizarem. Não que eu esperasse me casar por amor um dia ou nada do tipo, o que eu tinha em mente era exatamente isso: um casamento por conveniência. Mas é uma merda que isso tenha que ser justamente com uma pirralha que mal saiu das fraldas.

Só que vou fazer o que tiver que fazer para que meu império seja vingado. Desistir não está nos meus planos.



## CAPÍTULO 3

### Cecília Magalhães

Parece que foi ontem que eu me mudei para cá, que minha mãe estava chorando no aeroporto e prometendo que ia me ligar todos os dias. Eu fiquei com muito medo no começo porque nunca tinha morado sozinha, ainda por cima em um país onde não conhecia ninguém. Foi por isso que eu decidi morar em uma sororidade, igual às meninas dos filmes das universidades americanas que eu adorava assistir quando era mais nova. Pelo menos assim eu não ia ficar sozinha.

Meu pai não queria. Ele é muito ciumento e cismou que eu ia passar todo o meu tempo livre enfiada em festas e bebendo ao invés de estudar. Precisei prometer que ia me comportar para ele concordar. César Magalhães nunca conseguiu dizer não para mim mesmo. Mas era verdade, eu realmente ia me comportar. Até porque nunca me interessei em ir em festas nem encher a cara.

Eu terminei o ensino médio bem cedo, com dezesseis anos, e sempre quis estudar para poder trabalhar com ele, então quando ele decidiu que ia me mandar aqui para Nova Iorque para estudar, eu já sabia o que queria fazer:

contabilidade.

Nem acredito que já faz quase quatro anos e faltam seis meses para eu me formar!

— Você está linda, Cecília! Vinho é sua cor.

Eu sorrio para a minha melhor amiga, Kelly, que mora na sororidade comigo. Ela está em frente ao espelho ao meu lado com um vestido verde que tem a mesma cor dos seus olhos e fica lindo com o seu cabelo preto e longo. Olho para o meu reflexo e mordo o lábio.

— Você acha? Eu não sei.

Eu sou pequena e magra demais, então é difícil achar alguma coisa que faça parecer que eu não sou uma criança. O vestido até que ficou bonito, pelo menos faz parecer que eu tenho algum peito para encher o decote. E a cor combina com o meu cabelo ruivo.

— O Josh vai ficar doido quando te ver dentro disso — ela diz, mexendo as sobrancelhas de um jeito insinuativo, e eu me vejo corar pelo espelho.

— Não quero nada com ele, Kelly — digo e volto andando para a cabine para trocar de roupa de novo.

— Porque é idiota! — Kelly grita do lado de fora do provador. — Ele está correndo atrás de você há meses. Não entendo por que não dá uma chance para ele.

Abro a cortina depois que tiro o vestido e coloco minha calça jeans e camiseta de novo. Ela para na minha frente e me impede de passar.

— Ele é lindo, inteligente, rico e está doido por você.

— Já disse que não quero nada com ele! — reclamo e ela cruza os braços, me olhando irritada. — O quê?

— E por que não? Me dá um bom motivo para isso. Você passou a faculdade inteira fugindo de todos os caras gatos!

— Não estou interessada em nenhum deles! — digo e tento passar, mas ela me embaraça de novo.

— E por que não? — ela pergunta e eu começo a bater o pé no chão. — Você fez alguma promessa para morrer virgem?

— Shh! — Coloco a mão na boca dela porque Kelly tem a mania de falar alto e atrai a atenção de todo mundo ao redor. Que vergonha! — Fala baixo!

Eu a empurro para o lado e fico parada no meio da loja com o vestido na mão. Ela me olha emburrada e vai trocar de roupa. Depois de pagar pelos vestidos, nós seguimos para o Starbucks para tomar um café, e Kelly continua insistindo.

— Se você acha o Josh tão maravilhoso, por que você não sai com ele? — pergunto.

— Porque eu já tenho namorado — ela diz, e eu mostro a língua. Kelly ri e segura as minhas mãos em cima da mesa da cafeteria. — Mas é sério, Cecília. Eu só me preocupo com você. Você está sempre enfiada no quarto estudando, a gente tem que te arrastar para os lugares. Você não sai, não se diverte, não faz nada!

— Eu já te disse que preciso estudar — falo e coloco uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Papai não vai me deixar trabalhar na empresa se eu não for muito boa. Ele leva aquele lugar muito a sério. E o sócio dele então, acho que é capaz de matar alguém por causa da empresa — digo, pensando em Thomas. Ele é amigo do meu pai desde sempre e eu só me lembro da sua cara fechada e séria o tempo inteiro. Não sei nem se o homem sabe sorrir. E eu sei que ele não vai me deixar trabalhar lá só porque sou filha do seu amigo. — O que tem de bonito, tem de assustador.

Só noto que falei em voz alta quando Kelly ergue as duas sobrancelhas.

— Você tem um crush no amigo do seu pai, Cecília? — ela pergunta, e eu sinto meu rosto pegando fogo.

— É claro que não! — respondo e bebo um gole do meu café gelado. — Ele só é... bonito. Você sabe, para um cara da idade dele. Não importa! A questão é que eu preciso estudar. Esse é meu último semestre, não posso ferrar com tudo.

— Um beijinho só não vai te fazer mal — ela implica, e eu reviro os olhos rindo.

Não estou mentindo, preciso mesmo estudar. Mas não vou repetir para

ela a outra parte da verdade. O Josh é legal, ele é muito bonito e divertido, inteligente, mas... Não é o cara. É idiota, mas eu quero meu príncipe encantado, um cara que me tire do chão e por quem eu vou me apaixonar tanto que vai doer até respirar sem ele. Esse cara que vai ser meu futuro marido, e ele com certeza não é o Josh. Então para que vou perder meu tempo?

— Ah, eu acabei de lembrar! — digo. — Tenho que comprar um celular. O meu quebrou tem alguns dias e eu preciso de um novo. Minha mãe deve estar desesperada achando que eu morri porque não falo com ela há três dias.

Kelly e eu voltamos para o shopping e depois de algum tempo escolhendo um modelo novo, precisamos correr para a aula para não chegarmos atrasadas.



As aulas começaram tem pouco mais de um mês, mas já é começo de outubro e está começando a esfriar. O inverno aqui é muito diferente do que o que eu cresci acostumada em São Paulo, e eu simplesmente amo a neve. Mal posso esperar para a cidade estar toda coberta em branco.

Quando saio da aula já está no final da tarde e eu ando pelo campus da faculdade em direção à casa da minha sororidade. Só então lembro do celular que comprei mais cedo e vasculho a minha bolsa atrás do aparelho que ainda está desligado. Vou caminhando e configurando o celular, e só termino quando já estou na porta de casa.

Tudo finalmente conecta e meu celular sincroniza. Dezenas de mensagens dos meus pais começam a pular na tela. Eu estranho. Tudo bem que fiquei alguns dias sem celular, mas nem eles tentam falar tanto assim

comigo. Abro as mensagens enquanto entro na casa. Várias delas só pedem para eu ligar para casa e dizem que precisam falar comigo.

Começo a ficar preocupada e estou tão distraída que não noto ninguém até que esbarro em uma das garotas que mora comigo.

— Desculpa — digo e olho para ela.

A menina tem os olhos arregalados e a boca aberta em animação.

— O que foi? — eu pergunto e ela aponta para a sala.

— Você tem visita.

— Eu? — pergunto confusa. Ela faz que sim com a cabeça e eu vou para lá. Vejo mais três ou quatro meninas circundando o sofá e me pergunto quem está aqui para ter essa recepção toda.

Travo no lugar quando vejo o homem bonito dentro de um terno elegante, com o cabelo preto bem arrumado e um sorriso sedutor para uma das garotas, que nem disfarça que está toda derretida por ele.

— Anh...

Perco as palavras, mas o som atrai a atenção dele. Thomas de Albuquerque me olha e franze o cenho, como se não me reconhecesse.

— Cecília? — pergunta com a voz confusa.

Aperta os olhos e me olha de cima a baixo com interesse no olhar. Estremeço no lugar. Conheço o amigo de papai há muitos anos, mas ele nunca me olhou assim. Quando ele volta a olhar para o meu rosto, tem uma sobrancelha arqueada. Sinto um arrepio na coluna quando um sorriso malicioso corta o seu rosto de ponta a ponta.

Ele se levanta.

— Thomas? — falo finalmente quando recupero a voz. Sinto meu rosto pegar fogo, porque ele não desvia o olhar enquanto dá alguns passos na minha direção. Aperto a bolsa na frente do corpo como se pudesse me proteger do brilho malicioso nos seus olhos claros, mas decido que devo estar ficando maluca. É claro que estou entendendo tudo errado e ele não está me olhando com desejo nenhum. — O que você está fazendo aqui?

— Seu pai não te disse? — ele pergunta em português, abrindo ainda mais o sorriso no rosto. — Eu vim te buscar.



## CAPÍTULO 4

### Cecília Magalhães

— Pronto, a gente pode conversar aqui.

Eu fecho a porta do meu quarto e o lugar parece muito pequeno. Não é, é bem espaçoso que nem todos os quartos dessa casa, mas Thomas é grande, alto e forte, e parece que toma todo o lugar. Ele está olhando ao redor, para a decoração do quarto, e eu não sei por que fico tão nervosa, mas fico. Ele anda pelo quarto e vai até a penteadeira que fica no canto da parede. Pega um porta-retratos com uma foto minha com meus pais e abre um sorriso que arrepia a minha espinha. Parece maldoso, mas não faz sentido que seja, já que ele sempre foi um ótimo amigo da família.

— Está tudo bem? — eu pergunto. Ele não fala nada. Só faz que sim com a cabeça e continua olhando para a foto por mais alguns segundos.

— Então seu pai não te ligou? — ele pergunta e eu começo a ficar preocupada. Pego o celular da bolsa e começo a ler rapidamente as mensagens que perdi nos últimos dias.

— Meu celular estragou há alguns dias, só consegui comprar outro

hoje — digo sem olhar para ele porque estou olhando para a tela. — Mamãe me mandou várias mensagens, mas só estou vendo agora. Aqui ela diz que precisa falar comigo sobre... você?

Olho para ele, confusa, e mostro o celular. Thomas coloca o retrato de novo na penteadeira e vem até mim. Ele pega o celular, começa a passar o dedo pela tela para ver as mensagens e abre outro daquele sorriso que parece perigoso. Quando ele olha para mim, os olhos parecem estar pegando fogo.

— Sua mãe provavelmente só queria te avisar que eu vim te buscar, Cecília — ele diz e dá um passo para mais perto de mim. Quase prendo a respiração pela surpresa. Thomas nunca chegou tão perto de mim assim.

Quando eu vim para cá, eu era uma garotinha. Thomas me deu alguns presentes de aniversário, mas foi só isso. Não acho que ele ia saber nem dizer a cor dos meus olhos se precisasse. É a primeira vez que eu o vejo depois de... adulta. É estranho como eu o acho tão mais bonito agora.

Não posso mentir, eu tinha sim uma queda pelo amigo do papai. Mas era coisa de adolescente. É claro que eu tinha uma queda por ele. Thomas de Albuquerque é o homem dos sonhos de qualquer garota. Bonito, rico, com um olhar que faz as pernas de qualquer mulher ficarem bambas. Faz quase quatro anos que eu não o via e parece que ele só ficou mais bonito com o tempo.

— Me buscar... para quê? — pergunto com um fio de voz.

Seus olhos sobem e descem por mim e eu prendo a respiração quando Thomas estica a mão e toca uma mecha do meu cabelo.

— Você virou uma mulher linda, Cecília. Não estava esperando por isso.

— O-Obrigada — gaguejo. O sorriso dele se amplia.

— Agora entendo por que seu pai protege tanto você — ele diz e dá mais um passo para perto de mim. Eu prendo a respiração, sem entender o que está acontecendo, mas sentindo meu coração bater disparado no peito. — Mas você não precisa se preocupar. Vou cuidar bem de você, garota.

Mordo a ponta do lábio e tento manter os olhos presos no dele, mas a proximidade é demais. Principalmente quando vejo Thomas respirar fundo

olhando para a minha boca.

Ele me solta bruscamente e eu quase caio porque me desequilibro pela surpresa. Thomas se afasta alguns passos e passa uma mão irritada pelo cabelo.

— Arrume suas coisas — diz, agora grosseiro, e me confunde. — Tenho alguns assuntos para resolver, mas o motorista vem te buscar daqui a meia hora.

— Arrumar minhas coisas? Para onde eu estou indo? — pergunto quando ele começa a ir em direção à porta para ir embora.

Ele suspira exasperado e olha para mim.

— Vou te levar para um dos nossos hotéis — explica. — Você vai ficar lá por um tempo, até tudo se acertar.

— Que tudo? — pergunto, cada vez mais confusa. — Eu tenho aula, tenho uma casa, eu não... O que está acontecendo? Não posso simplesmente ir embora com você assim sem saber o que está acontecendo.

Thomas aperta os olhos e abre um sorriso carinhoso. Abaixa a voz e pergunta:

— Você me conhece desde que nasceu, Cecília. Sabe que eu não faria nada para te machucar. Se estou aqui para te buscar, é porque é o melhor para você. — Ele tomba a cabeça para o lado e sorri ainda mais. — Você confia em mim, não confia?

Faço que sim com a cabeça, porque é verdade. Papai sempre disse que se um dia alguma coisa acontecesse com ele e com a minha mãe, Thomas ia cuidar de mim.

— Tudo bem — concordo, e ele assente.

— Quando chegar lá, você liga para o seu pai e vocês conversam sobre o que está acontecendo — ele garante. — Vocês dois vão precisar ter uma conversa muito longa.



Eu reconheço o hotel, porque já fiquei aqui algumas vezes. É um dos mais luxuosos do centro de Nova Iorque, e um dos mais caros também. A recepção é grande e chamativa. Assim que eu entro, um dos funcionários vem para pegar a minha mala.

Ando até a mesa da recepção e uma mulher loira sorri para mim de um jeito profissional, mas antes que ela possa falar qualquer coisa, vejo seus olhos se arregalando e eu sinto uma mão na base das minhas costas.

— Cecília vai precisar de uma chave. — A voz de Thomas chega grave em meu ouvido e me arrepia. A mulher faz que sim com a cabeça e começa a digitar alguma coisa no computador. Meu corpo fica rígido quando sinto a boca dele na minha orelha. — Espero que a suíte presidencial seja boa o suficiente para você. Eu não ia querer que a princesinha do César ficasse desconfortável.

Não respondo nada, porque desaprendi a falar. Meu coração bate tão rápido no peito que não sei nem explicar o que está acontecendo. A mão dele sobe e desce pelas minhas costas e meu corpo inteiro fica quente de um jeito que nunca ficou antes. Meu Deus, o que está acontecendo comigo?

— Aqui está, senhor — a recepcionista avisa e estende um cartão na direção dele.

Não consigo dizer nada no caminho até o último andar do prédio alto, porque estou estranhamente nervosa. Quando chegamos no quarto certo, minha mala já está lá e Thomas entra comigo. Ele se senta na cama enquanto eu continuo incerta sobre o que está acontecendo.

Nervosa, coloco o cabelo atrás da orelha e pego o telefone no bolso da minha calça mais uma vez. Tentei ligar para os meus pais enquanto vinha para cá, mas nenhum dos dois atendeu. Não sei se é por causa da diferença de

horário entre Nova Iorque e São Paulo ou se eles tão ocupados com trabalho, mas nenhum dos dois pegou as ligações. Estou começando a ficar muito preocupada.

Thomas me olha como se analisasse cada movimento meu e é impossível saber o que ele está pensando. Ele usa o mesmo terno que estava usando mais cedo e afrouxa a gravata, ainda olhando para mim. É desconcertante, e eu desvio o olhar.

— Você vai ficar confortável aqui? — ele pergunta. Eu faço que sim com a cabeça e abro a boca para perguntar o que acontece agora, mas o celular dele começa a tocar. Olho para ele enquanto pega o aparelho dentro do bolso do paletó e abre um sorriso enorme. — Olha só quem resolveu ligar. É o seu pai. — Ele leva o celular à orelha. — César, meu amigo, você vai ficar muito satisfeito de saber que sua princesa está comigo, sã e salva.

Dou um passo para perto dele, e não sei o que papai diz do outro lado da linha, mas Thomas sorri ainda mais.

— É claro que ela está bem. Gostaria de falar com a sua filha? — ele oferece com uma risada. — Perfeito. Assim você pode explicar para ela o que está acontecendo.

Thomas se levanta da cama e vem até mim. Me entrega o celular e abaixa a boca até a minha orelha.

— Não é nada pessoal com você, Cecília. São apenas negócios — ele diz e a respiração quente no meu pescoço me faz arreppiar.

Dou um passo para trás e vejo seu olhar divertido e malicioso. Trago o celular à orelha com um pressentimento ruim.

— Pai? — digo ao telefone e ouço um suspiro pesado do outro lado da linha.

— *Cecília, meu amor, como você está? Você está bem? Onde você está?*

Franzo o cenho, sem entender.

— Eu estou em um dos hotéis — explico, olhando para Thomas. — O que está acontecendo? Por que o senhor Albuquerque veio me buscar?

— *Oh, meu amor, eu sinto muito* — papai diz do outro lado da linha.

— *Eu sinto tanto, querida.*

— Você está me assustando — sussurro, mexendo no cabelo por causa do nervosismo. — O que aconteceu?

— *Cecília... Eu cometi um erro. E é você que vai ter que pagar por isso, meu amor.*



## CAPÍTULO 5

### Thomas de Albuquerque

Escuto com atenção enquanto Cecília conversa com seu querido pai pelo telefone. Vejo o segundo em que seu rosto se transforma de preocupação para puro desespero. Sento, espero e olho para o relógio com impaciência. Estou entediado.

— Como você pôde fazer isso, papai? — a garota sussurra em um fio de voz e as lágrimas escorrem pelo seu rosto pálido.

Espero.

Acompanho toda a raiva despejada de um jeito até meigo, até que Cecília desliga o telefone.

— Oh, querida, eu sinto muito. Sabe que sempre tive seu pai como um irmão. Estou tão decepcionado quanto você. — Abro um sorriso cínico, porque sei que vou usar a tristeza que vejo no seu rosto agora contra seu pai.

— Como você pôde? — ela explode enquanto limpa as lágrimas com raiva do rosto.

— Como eu... — Olho para ela com surpresa pela explosão. — Como eu pude? Como o seu pai pôde seria a pergunta certa, garota!

— Você se acha muito melhor do que ele, não é? Acha que pode simplesmente sair comprando as pessoas para pagar os erros das outras.

Solto uma risada sarcástica e sacudo a cabeça de descrença. Me aproximo dela, e a garota perde completamente a pose. Ela dá vários passos para trás, mas logo a porta atinge suas costas, sem saída. Seus olhos estão vermelhos do choro e seu rosto está corado, não sei dizer se de raiva ou de excitação. Percebi os sinais que seu corpo me deu assim que ela me viu. Notei que a garota ficou mexida com a minha presença, mas não quero nada com ela. Não faz meu tipo. Não gosto de ratinhas assustadas. Apesar de ter sido surpreendido pela mulher que se tornou, não me interessa. Como eu disse para ela: tudo não passa de negócios. Uma relação que vai me trazer muitos benefícios. O primeiro deles vai ser me vingar de César e o segundo é para acalmar a mídia e os investidores, que estão frequentemente me cobrando um casamento. Aí está. Mato dois problemas de uma vez. Resolvido. Nada que faço na minha vida é em vão. Minhas atitudes são muito bem pensadas e caem sempre para a mesma pergunta: o que eu vou ganhar com isso?

— Cecília... — digo e limpo a lágrima que escorre do seu rosto. — Você não vai querer me irritar, Cecília. Colabora comigo que eu vou ser o melhor dos maridos para você. O que acha, cristal?

Sorrio pelo deboche do apelido que seu pai usa e ela parece notar, porque sua expressão volta a se fechar e a ficar feroz.

— E você vai fazer o quê? Me vender para outra pessoa se eu não colaborar? — pergunta com frieza, e arqueio a sobrancelha. — Eu não sou a droga de uma mercadoria! Não sou uma moeda de troca, não sou um objeto que se usa para atingir seus objetivos. Eu sou um ser humano.

— Ah, você vai ser minha moedinha, querida. Não fique tão chateada. Não leve para o lado pessoal. Não é você, sou eu.

Solto uma risada pela cara de choque que a garota faz. Essa família me entretém como nenhuma outra faz. Ela continua na batalha contra as lágrimas que mancham seu rosto.

— Ok, já perdi a minha paciência com o seu chororô. Já está tudo

resolvido? Tem alguma dúvida? Não? Tudo bem.

Me afasto e olho a hora no relógio. Percebo que perdi tempo demais nessa brincadeira. E meu tempo custa caro. Tenho algumas reuniões aqui em Nova Iorque, para tentar resolver uma parte do problema que meu querido sócio me meteu.

— Arrume as suas coisas que nós vamos voltar para o Brasil daqui uns dias. Assim que chegarmos, nós vamos espalhar para a imprensa a nossa união — digo, olhando de volta para ela. — “Thomas de Albuquerque, o solteiro mais gostoso e cobiçado do Brasil, finalmente encontra uma sortuda”. Vai ser uma boa manchete, não acha?

— Você é louco! Eu não posso simplesmente ir embora daqui. Eu...

— Você...?

— Faltam seis meses para terminar os meus estudos. Batalhei muito por isso aqui e ninguém vai me tirar essa chance — fala. Empina o queixo, mas encolhe o corpo assim que volto a me aproximar.

— O que você cursa?

— Contabilidade — murmura com um fio de voz e abaixa o rosto.

Solto uma risada sarcástica. Mas é claro que ela ia seguir o caminho do papai.

— Ah, verdade, começou para trabalhar na empresa, não foi? Seu paizinho me contou. Uma pena. Mas me diga... Estava planejando golpes como o papai?

A garota ergue a mão para acertar meu rosto, mas eu prevejo a ação e seguro sua mão no lugar.

— Eu achei que você fosse meiga e delicada, garota. Mas você só está me irritando.

— Estamos falando do *meu* futuro — fala e sacode a cabeça, decepcionada. Eu não poderia me importar menos com a sua revolta. Só me deixa mais motivado para concretizar meus planos, porque se ela sofre, César sofre o dobro. — Como você tem coragem? Pelo que meu pai conta, você me viu nascer e crescer. Você estava sempre na minha casa, com a minha família e...

Sua voz embarga e ela não consegue falar. Solto sua mão e a garota parece desabar. Suas mãos vão para os braços e deslizam pela pele freneticamente, como se estivesse com frio.

— Não quero ouvir seu discurso, garota. E isso aqui — aponto para sua mão — nunca mais vai se repetir. Não ouse levantar a mão para mim, entendido?

Ela não responde e eu ergo seu rosto para o meu.

— Entendido, cristal?

Cecília puxa o rosto com força, se afasta de mim o máximo que pode e vai para a cama. Ela se senta e puxa as pernas. Apoia o queixo nos joelhos e chora. Eu vou até a porta e a abro, pronto para sair dali.

— Ok, vou te deixar aí no seu drama juvenil. O motorista vai te levar de volta para você buscar o resto das suas coisas. Seja rápida. E esteja aqui quando eu voltar. Temos um contrato para assinar.

— E a minha faculdade? — pergunta e eu volto pela porta já aberta.

— Existem faculdades no Brasil, querida. Você pode cursar uma delas. E não é como se você fosse precisar mais dela, afinal, você nunca vai poder pisar naquela empresa.

Pisco para ela, saio dali apressado e olho para o relógio. Quase me atrasei. Odeio atrasos. No caminho para a reunião, tiro o celular do bolso do paletó e disco o número de César.

— Meu amigo, quanto tempo! — digo e ouço a sequência de xingamentos vindo do outro lado. — Que isso, César? Eu sabia que não estava com saudade, mas precisa ofender meus sentimentos assim? E a nossa amizade, como fica?

— *Vá se foder, Thomas! Você é um miserável de merda.*

— Você se esqueceu de me falar que a Cecília se transformou numa bela mulher, César. Sua princesinha cresceu rápido. Quanto orgulho... Uma pena ela não poder mais exercer a profissão como você, não acha? Ela parece inteligente e esforçada — zombo, pisando na proteção e no cuidado que sei que sempre teve com a filha. — Vou cuidar direitinho dela, sogro. Não se preocupe.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma virgem comprada pelo CEO: Livro Ún..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).